

DEFESA DO PORTO DE SANTOS Fortins, Fortes, Fortalezas ... Preservar é preciso

Elcio Rogerio Secomandi
Instituto Histórico e Geográfico de Santos
ersecomandi@gmail.com



Fortaleza de Santo Amaro (1584), mais expressivo conjunto arquitetônico-militar do Estado de São Paulo.
Foto: Antonio Carlos Freddo, 02/10/2009
Tema: Abertura da Semana da Pátria, 2009
Iluminação da Fortaleza Bandeira Nacional

INTRODUÇÃO



O aproveitamento do antigo sistema de defesa militar colonial do Porto de Santos como equipamento para o turismo histórico-cultural talvez se encaixe, grosso modo, na “Janela de Overton”, uma tese que aborda assuntos de interesse público com diferentes opções políticas. Segundo Joe Overton, dentro de um amplo espectro de posições possíveis, a opinião pública pode recusar algumas idéias ou teses, por considerá-las “radicais” para um dado momento histórico e aceitá-las, num futuro próximo ou remoto, por deslocamento da “janela” de expectativas.

São muitos os exemplos de proposições que vingam somente após longo período de amadurecimento: a ponte estaiada sobre o estuário da baía de Santos, o museu Pelé e o aeroporto regional da Baixada Santista podem estar neste contexto, em fase final de mudança de expectativas. Espera-se que o projeto sobre o Sistema Hidroviário da Baixada Santista, lançado no dia 04/03/2010, na Associação Comercial de Santos, tenha a “janela” devidamente sintonizada, para tornar-se realidade no curto prazo. O mesmo espera-se que ocorra, num futuro próximo, com o *Circuito dos Fortes*, uma iniciativa do governo do Estado (Resolução SCTED - 04, de 11 de fevereiro de 2004) que tem por finalidade resgatar a parte bandeirante do rico patrimônio histórico-militar, representado por três cortinas duplas de fortificações construídas no período colonial para defesa da “villa” e do nascente Porto de Santos.

As três cortinas do período colonial estavam dispostas como indica o mapa acima, protegendo os acessos marítimos à “villa” de Santos, tendo: 1) ao Norte, o Forte São João (1551) e o Forte São Felipe (1557), substituído pelo Forte São Luis (1770), realizando a cobertura avançada do acesso marítimo pelo canal de Bertioga; 2) ao Sul, ocupando um esporão rochoso na embocadura do estuário que dá acesso à mesma “villa”, os espanhóis ergueram a Fortaleza de Santo Amaro (1584) e os portugueses, duas “sentinelas avançadas”: o Forte Augusto (1734) e o Fortim do Góes (1765); e, 3) para a defesa aproximada foram construídos o Forte Nossa Senhora do Montserrat (1543) e a Fortaleza Vera Cruz do Itapema (1738). No período republicano, estas fortificações foram substituídas pela Fortaleza de Itaipu (1902) e Forte dos Andradas (1942).

Para prover o apoio logístico ao sistema de defesa foi erguida a Casa do Trem Bélico (1734), recentemente restaurada em parceria IPHAN/Prefeitura Municipal de Santos com o propósito de transformá-la em museu de logística militar, suprimindo as fortificações remanescentes com informações sobre o programa de turismo histórico-cultural e não mais com os “trens bélicos” do período colonial.

A razão desta mudança de postura, do combate para o turismo, ocorre mundo afora por obsolescência da arquitetura militar de posição fixa, que alcançou sua última configuração no primeiro semestre do século XX, como “cortina invisível” (linha Maginot, na França; Forte dos Andradas, em Guarujá). Hoje, a artilharia lança seus mísseis ou foguetes balísticos de posições fugazes, chamadas “cortinas virtuais”. As fortificações sobreviventes perderam a aptidão para o combate. Urge, portanto, que a sociedade civil da região metropolitana da Baixada Santista se mobilize com o propósito de resgatar a parte bandeirante deste rico patrimônio arquitetônico-militar que se encontra na origem de uma longa história de povoamento e conquistas territoriais.

A proposta de resgate das fortificações coloniais – construídas para proteger as águas e as terras do Brasil – pela função turística fundamenta-se na formação da nacionalidade brasileira pelo viés militar das *bandeiras*, criadas por D. Sebastião em 1570, na antiga sede da Capitania de São Vicente. Os *bandeirantes* estiveram sempre presentes no avanço para o oeste brávio, na ocupação e defesa do território, na demarcação das nossas fronteiras e no embrião de uma organização militar capaz de conservar intacto o imenso patrimônio territorial brasileiro. As *bandeiras* eram organizações paramilitares compostas por habitantes da terra repartidos em dez esquadras de 25 homens cada. Assim, consta no compêndio *História do Exército Brasileiro: Perfil militar de um povo*. EME/IBGE, Brasília, 1972.

O aproveitamento da estrutura de defesa militar colonial da nossa região pela função turística depende

simplesmente de uma campanha de conscientização sobre a importância da utilização deste formidável

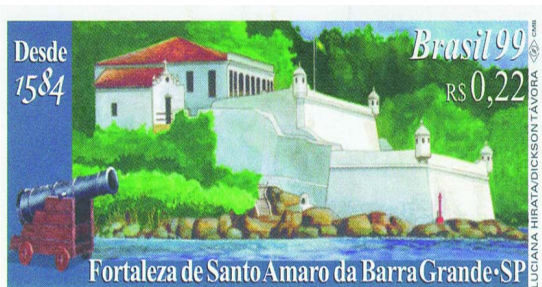
aparato arquitetônico-militar que Portugal nos deixou. Para tanto, sugere-se uma abordagem histórica

a ser empreendida pelos/as marinheiros/as das escunas e lanchas que já operam o turismo náutico entre o centro da cidade e a embocadura do estuário. Pode começar, por exemplo, com a distribuição de um *folder* aos turistas destacando o fato de que estão singrando a mesma rota marítima usada pelos piratas, corsários e colonizadores (vide destaque na ilustração de A TRIBUNA).



O folder poderia estimular um “*pit stop* histórico” na Fortaleza de Santo Amaro, no Forte São João, no Museu de Pesca (Forte Augusto) e/ou, ainda, na Casa do Trem Bélico (2010/2011). Outro exemplo: os hotéis poderiam distribuir o *folder* e um *voucher* (passaporte) aos hóspedes participantes dos cruzeiros marítimos. Com certeza os/as guias daqueles monumentos estão preparados para receber os turistas e contar esta fantástica história que está “cravada” na raiz da nossa nacionalidade.

Esta proposição inspira-se no modelo existente na Holanda, onde pequenas e confortáveis embarcações percorrem os canais de acesso aos antigos moinhos de vento. Os moinhos são similares; portanto, basta visitar um, ouvir a *história*, ler o folder e contemplar os demais durante o percurso das embarcações.



Por fim – e felizmente – pouco se ouviu o troar dos canhões das fortificações coloniais que ainda resistem ao tempo, às intempéries e, por vezes, ao terrível abandono. Infelizmente, suas rústicas muralhas caídas de branco e expostas ao sol do entardecer, aguardam ainda um novo dia, na “Janela de Overton”. Urge não perdê-las na *poeira do tempo*, embora tenham perdido a aptidão para o combate.

Espera-se que esta proposição venha a ser edificada durante a temporada de cruzeiros marítimos de 2010/2011. Espera-se, também, que surjam novas idéias para serem incorporadas a esta tese acadêmica. Por ora o *Circuito dos Fortes* está “adormecido na ferrugem e no pó”.



Ilustrações deste texto introdutório: 1- Mapa do Circuito dos Fortes. Projeto gráfico e editoração: André Santana Meireles / AGEM; 2- A TRIBUNA, 13/01/2007, A3, arte gráfica; 3 – Selo dos Correios, 1999, Scanner HP; 4 – Bilhetes da Loteria Esportiva, Scanner HP

Breves relatos de uma fantástica história



Fig 1 – Calçada de Lorena. Desenho de Hercules Florense, 1825, abrangendo os atuais municípios de Cubatão, Guarujá, Santos, São Vicente e Praia Grande (da esquerda para a direita). Iphan/São Paulo

Portugal pode e deve orgulhar-se de haver possuído um dos maiores conjuntos de fortificações do Mundo, que ainda se conserva, até hoje, mesmo fora do actual Território Nacional, englobando cerca de trezentas fortificações construídas com carácter permanente, das quais mais de uma centena e meia estão situadas no Brasil (MEDEIROS, p. 13).

Portugal pode e deve orgulhar-se de nos ter deixado grandes heranças do período colonial que marcaram profundamente a formação da nossa nacionalidade, dentre as quais, o idioma, a cultura, as igrejas e as fortificações militares pontilhando o litoral e a imensa fronteira terrestre que nos separa das nações de origem espanhola e de antigos protetorados da Inglaterra, França e Holanda.

Fortins, fortes, fortalezas (...) redutos, baterias, pontos fortes, disseminados por todo o território nacional, materializam um rico patrimônio histórico-cultural construído ao longo dos últimos cinco séculos – na Colônia, no Império e na República – para proteger as águas e as terras do Brasil continental. O historiador cearense Gustavo Barroso assim o descreve, na introdução ao livro *Fortificações do Brasil*:

Lembrando que havia nascido quase à sombra dos muros artilhados dum destes fortes, – o que deu o nome a minha terra natal –, procurei enumerar de memória os principais que, desde as fronteiras do oeste ligando pela costa as do norte às do sul, circundam com seus muros arruinados ou abandonados, seus canhões adormecidos na ferrugem e no pó, o vastíssimo perímetro na antiga América Portuguesa (BARRETO, p. 13).

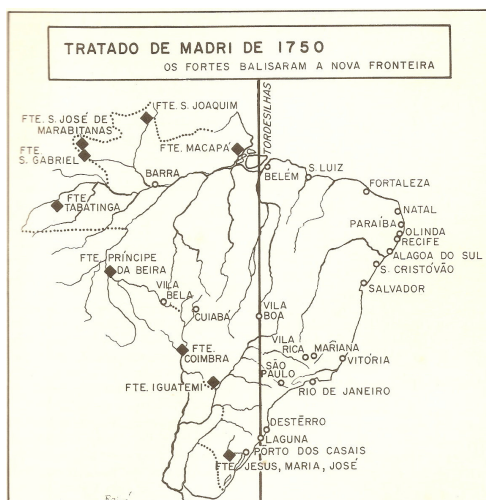


Fig 2 - Influência do Tratado de Madri na formação territorial brasileira (EME, v. 1, p. 323)



Fig 3 - Fotomontagem sobre pintura de Debret com lançador de foguetes Astro II (MORI, p. 32)

As fortificações coloniais brasileiras foram construídas por portugueses, espanhóis, franceses e holandeses¹. Da mesma forma que as fortificações litorâneas, as que foram erguidas no oeste brasileiro serviram como marcos referenciais para instruir o Tratado de Madrid (1750) e o Tratado de Santo Idelfonso (1777) que definiram, praticamente, as nossas fronteiras atuais. Outras, mais modernas, foram erguidas no Império e no período republicano. Muitas conservam suas características originais, desafiando o tempo e as intempéries; algumas foram desmontadas, outras devastadas, abandonadas, saqueadas e invadidas. Parte deste fantástico acervo histórico-cultural abriga unidades do Exército Brasileiro e há aqueles que são administrados por outros órgãos públicos ou por instituições privadas.

O primeiro quartel do século XX marcou o fim da artilharia de posição fixa. O constante aprimoramento dos vetores balísticos, a maior potência dos canhões e obuses, e o emprego da aviação em combate obrigaram as fortificações a se enterrarem, tornando-as “invisíveis” (Linha Maginot, na França; Forte dos Andradas, no Porto de Santos). Hoje, as posições da artilharia são “virtuais” (foguetes e mísseis balísticos lançados de posições fugazes).

A arquitetura militar de posição fixa chegou ao seu final e as fortificações sobreviventes perderam a aptidão para o combate. Urge, portanto, que a sociedade civil se mobilize com o propósito de resgatar a memória nacional pelo viés da defesa militar, fundamentada em longa história de povoamento e conquistas territoriais. É preciso viajar no tempo, antes tarde do que nunca, e enxergar, além das rústicas obras da engenharia militar, as inúmeras gerações de soldados anônimos que fincaram as raízes da nossa nacionalidade. É preciso olhar para os canhões adormecidos na ferrugem e no pó e para as espessas muralhas erguidas em pontos estratégicos de defesa do vastíssimo perímetro da

¹ Segundo Carlos A. Cerqueira Lemos, citado por Victor Hugo Mori, as fortificações coloniais no Brasil surgiram em quatro etapas: a primeira vai até ao ataque holandês ao território brasileiro, englobando também o período da união das coroas ibéricas (1580/1680). Neste período houve concentração de fortificações nas baías de Todos os Santos, Guanabara e Santos, três principais abrigos a leste da linha imaginária de Tordesilhas. A segunda etapa corresponde basicamente ao período “de permanência dos holandeses no litoral pernambucano” (1630 a 1654). Na terceira etapa as construções foram concentradas na Bacia Amazônica (final do século XVII e todo o século XVIII). “A quarta etapa corresponde ao período em que os espanhóis da Argentina procuraram ocupar o litoral sul de Cananéia, já que ainda eram nebulosas as divisas entre os domínios de Castela e Portugal antes do Tratado de Madrid, de 1750, e o Tratado de Santo Idelfonso, de 1777”. Para maiores detalhes sobre esta divisão em quatro etapas, consulte o Cap. III do livro de Victor Hugo Mori, *Arquitetura Militar, um panorama histórico a partir do Porto de Santos*, editado pela Imprensa Oficial do Estado de São Paulo e Fundação Cultural Exército Brasileiro, 2003.

antiga América Portuguesa, como ressaltou o saudoso historiador militar, Gustavo Barroso.

Felizmente, pouco se ouviu o troar dos canhões da extinta artilharia de posição fixa. Esperamos não vê-los adormecidos na ferrugem e no pó. É preciso, portanto, preservar a memória nacional e a cultura brasileira, como ocorre no mundo inteiro.

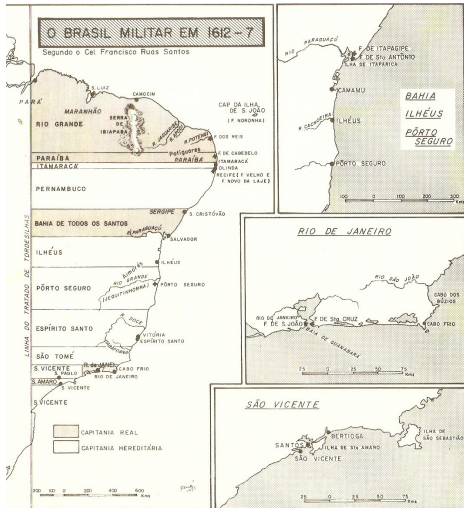


Fig 4 - Representação das capitâncias hereditárias a leste de Tordesilhas (EME, v 1, p. 93)

Ocupação e defesa das baías litorâneas

A costa oriental da América, ao sul do Equador, tem poucas enseadas seguras para abrigar portos em seus recortes. As três melhores baías a leste do meridiano de Tordesilhas – Todos os Santos, Guanabara e Santos – foram ocupadas pelos portugueses, nos primórdios da colonização.

Esses acidentes geográficos favoráveis ao estabelecimento de portos abrigados foram ocupados e defendidos por complexos sistemas de fortificações coloniais, resistentes aos fogos da artilharia naval de outras potências colonizadoras, dos corsários e dos piratas, e com rusticidade suficiente para durar séculos.

A defesa marítima das baías a leste de Tordesilhas era complementada por um sistema defensivo terrestre que teve sua origem em dois fatos políticos importantes ocorridos na Capitania de São Vicente: primeiro, o esboço do serviço militar obrigatório, “por ‘Termo’ de 9 de setembro de 1542, que dava organização a uma milícia formada pelos colonos e índios”, e, segundo, a sistematização da defesa da terra, oriunda da “imposição do Regimento de 17 de dezembro de 1548, feita a todo colono habitante da terra de ‘possuir uma arma de fogo, pólvora e chumbo, e aos proprietários de engenho de terem a pólvora necessária para acionar dois falcões

[canhões de pequeno calibre]” (EME, 1972, p. 31).



Mapa esquemático da Baía de Todos-os-Santos



Ataque do corsário Duguay-Trouin ao Rio de Janeiro em 1712. (L. Brasil 1909)

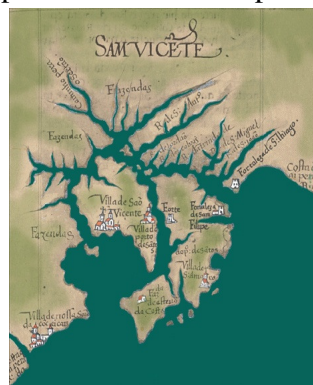


Fig. 5 - Mapas antigos das baías de Todos os Santos (1712), Guanabara (1712), Santos (1572-1573) (MORI, p. 55 e 106)

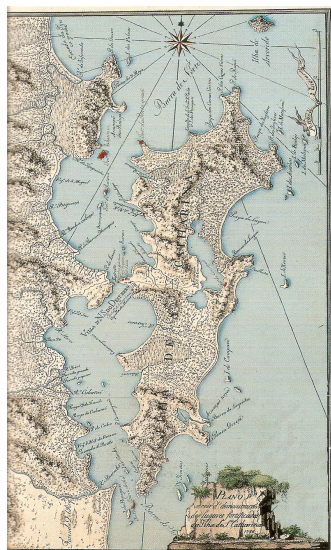


Fig 6 – “Plano para servir de demonstração dos lugares fortificados da Ilha de Sta. Catarina (1786) (MORI, p. 77)

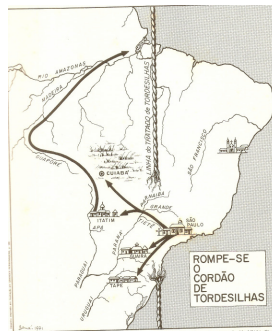


Fig. 7 – Síntese gráfica do papel representado pelas expedições bandeirantes (EME, v. 1, p. 225)

No extremo sul da linha imaginária de Tordesilhas e já no século XVIII, os portugueses construíram um sistema de defesa semelhante ao da Baía de Santos:

O sistema defensivo da Ilha de Santa Catarina foi construído quase integralmente durante o século XVIII, com o objetivo de consolidar o domínio português nesta região [extremo sul da linha imaginária de Tordesilhas], que se configurava como ponto estratégico fundamental para a navegação e ocupação do sul do continente americano (TONERA, consulta, 12/01/2010).

Com a ocupação e defesa litorânea estruturada, os *bandeirantes* avançaram pelo sertão e alcançaram o Brasil de terras baixas e interiores que abrigam os três maiores ecossistemas do mundo: o cerrado, o pantanal e a Amazônia. Em 1570 D. Sebastião constituiu as *bandeiras* sob a forma de organizações paramilitares compostas por habitantes da terra repartidos por esquadras de 25 homens. Dez esquadras formavam uma *companhia* cujo sinônimo era *bandeira*. Os bandeirantes estiveram sempre presentes no avanço para o oeste bravo, na ocupação e defesa do território, na demarcação das nossas fronteiras e no embrião de uma organização militar capaz de conservar intacto o imenso patrimônio territorial brasileiro² (EME, 1972, v. 1, p.217 a 234)

² Consulte também *O Exército na História do Brasil* no site da instituição militar brasileira para avaliar a contribuição dos bandeirantes para a formação da nossa nacionalidade.

O sistema colonial de defesa do Porto de Santos

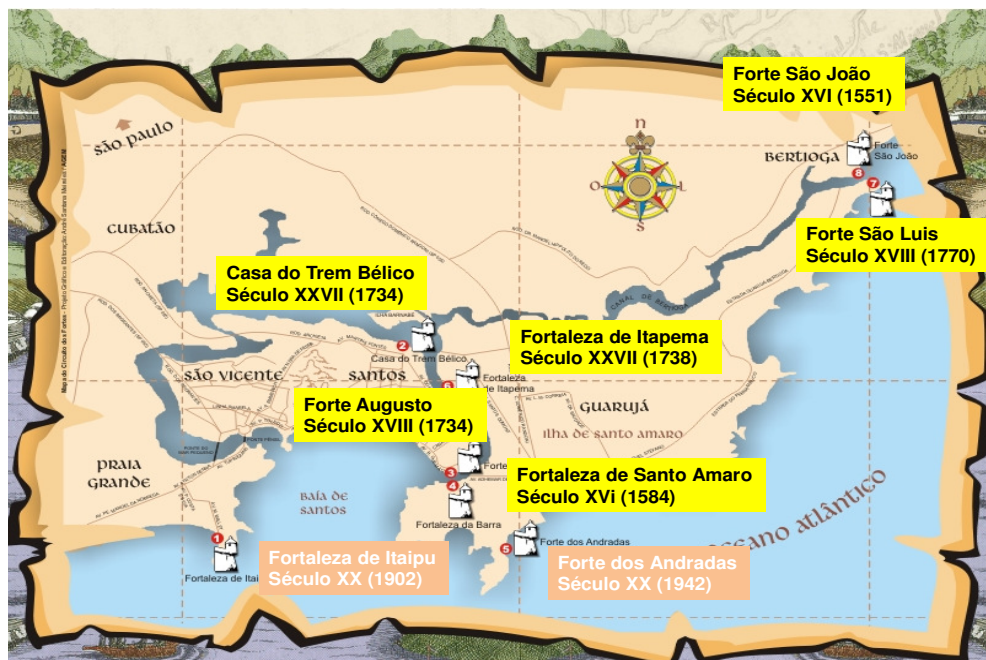


Fig 8 - Mapa do Circuito dos Fortes / AGEM, André Santana Meireles (SECOMANDI, 2005, p. 18)

A fantástica história da formação da nossa nacionalidade pelo viés da arquitetura militar de proteção aos acessos marítimos da antiga sede da Capitania de São Vicente fundamenta-se num legado composto por nada menos que oito fortificações coloniais dispostas em três cortinas de defesa, representadas no mapa acima (Fig 8)³: 1) ao Norte, o Forte São João (1551) e o Forte São Felipe (1557), substituído pelo Forte São Luís (1770), realizando a cobertura avançada do acesso marítimo à “villa” de Santos pelo canal de Bertioga; 2) ao Sul, ocupando um esporão rochoso na embocadura do estuário que dá acesso à mesma “villa”, os espanhóis ergueram a Fortaleza de Santo Amaro (1584) e os portugueses, duas “sentinelas avançadas”: o Forte Augusto (1734) e o Fortim do Góes (1767); e, 3) para a defesa aproximada foram construídos o Forte Nossa Senhora do Montserrat (1543) e a Fortaleza Vera Cruz do Itapema (1738). Para prover o apoio logístico militar às fortificações foi erguida no centro da “cidade velha” de Santos a Casa do Trem Bélico (1734)⁴.

³ O Fortim do Góes não está representado no mapa do roteiro, pois era apenas uma “sentinela avançada” da Fortaleza de Santo Amaro. O mesmo ocorre com o Forte Nossa Senhora de Montserrat e o Forte São Felipe por não deixarem vestígios. Onde estava o Forte São Felipe, ocupado por Hans Staden, restam apenas ruínas da Armação de Baleias.

⁴ A Casa do Trem Bélico tinha até recentemente no seu portal tardo-maneirista a data de 1734, indicando o início das obras, concluídas em 1738. À época, os diversos materiais militares (armamento, munição, equipamento e suprimento) chamavam-se *trens bélicos*. Tinha função semelhante a que hoje é exercida pelos batalhões logísticos do Exército Brasileiro. A Casa do Trem Bélico fica na Rua Tiro Onze nº 11, próximo ao Outeiro de Santa Catarina, centro da cidade. Sugestão: consulte a tela *in* CD-ROM/ 2003 Benedito Calixto – 150 anos, Fundação Pinacoteca Benedito Calixto, Santos, SP. <http://www.novomilenio.inf.br/santos/calixtnm.htm>, Tela 007 - Casa do Trem e Capela de Santa Catarina



Fig 9 - Plano de Defesa de 1800. Arquivo Histórico do Exército

As fortificações coloniais mais expressivas permanecem de pé desafiando o tempo, as intempéries e, por vezes, o terrível abandono⁵. As duas mais antigas, São João e Santo Amaro, guardam suas características originais e estão abertas à visitação. A área ocupada pelo Forte Augusto hoje abriga o Museu de Pesca, também aberto à visitação.

A Casa do Trem Bélico foi restaurada e aberta ao público no dia 29/09/2009 e estará brevemente funcionando como centro de informações turísticas e ponto inicial de visitação a este formidável sistema de defesa territorial: *patrimônio histórico nacional - patrimônio de todos nós*. Esta nova função ficará mais próxima daquela original do monumento, suprimindo as fortificações não mais com “trens bélicos”, mas sim, com informações sobre o programa histórico-cultural de visitas às fortificações de defesa do Porto de Santos. Sua restauração apresenta-se, assim, como justa retribuição da sociedade local ao longo período de proteção marítima colonial da “villa” de Santos. O IPHAN e a

Prefeitura de Santos – administradora do monumento histórico – nos brindam com uma verdadeira operação de resgate da memória nacional pelo viés militar e, ao mesmo tempo, como um merecido tributo aos nossos antepassados, que tiveram participação ativa na defesa marítima e terrestre da antiga sede da Capitania de São Vicente, assim descrita no Plano de Defesa da Capitania de São Paulo, dez.1800⁶:

Toda a gente da Villa [de Santos] capaz de pegar em Armas / excetuados os que devem laborar com a Artilharia do Forte [Santo Amaro], ou que são destacados para outra parte / marcharão ao ponto que lhe for ordenado pelo commandante da mesma Villa, levando todas as sua armas.

Com a evolução da artilharia de costa, em resposta à evolução da artilharia naval, o sistema de defesa do porto passou a ocupar posições estratégicas mais avançadas para realizar “fogos mais profundos”, com alças e derivas apontadas para o mar aberto. No alvorecer do século XX, a Fortaleza de Santo Amaro foi substituída pela Fortaleza de Itaipu (1902), ocupando cerca de três milhões de m², no Parque Estadual do Xixová-Japuú, em área da Mata Atlântica, totalmente preservada.

⁵ O Forte N S do Montserrat foi desmontado para ampliação do porto; a Fortaleza de Itapema tem projeto de restauro elaborado pela Receita Federal do Brasil; o Forte São Luis recebe recursos do IPHAN para obras de preservação das ruínas; o Fortim do Góes, invadido, encontra-se embargado pelo IPHAN; a “estacada” do Forte Augusto foi soterrada para dar lugar à avenida da praia e hoje a área remanescente é ocupada pelo Museu de Pesca de Santos. As fortificações coloniais não estão sob a jurisdição do Exército Brasileiro. No período republicano foram construídas mais duas fortificações que abrigam unidades operacionais do Exército: A Fortaleza de Itaipu, 1902, e o Forte dos Andradas, 1942.

⁶ Documentos interessantes para a História de São Paulo. *Plano de Defesa da Capitania de São Paulo*, dez 1800. Archivo do Estado de São Paulo, VLII.

O complexo Itaipu (Forte Duque de Caxias, Forte Jurubatuba, Forte Rêgo Barros e instalações de apoio) está assentado sobre uma pequena serra litorânea que acompanha o costão sul da Baía de Santos. O costão norte, com as mesmas características e o mesmo grau de preservação ambiental, abriga o Forte dos Andradas (1942), construído para proteger o porto na iminência da II Guerra Mundial.

O Circuito dos Fortes

Para resgatar a parte bandeirante desse rico patrimônio nacional, o governo do Estado de São Paulo incentivou a criação do *Circuito dos Fortes*⁷, com fundamentos em uma longa história de povoamento e conquistas territoriais. Trata-se da implementação de um roteiro turístico, histórico-militar, de visitas a um sistema de proteção de um porto marítimo que se desenvolveu abrigado no estuário que deságua a nordeste da Baía de Santos, porta de entrada para o sertão, aberta pelos portugueses na antiga Capitania de São Vicente.

3- Forte Augusto Santos, 1734



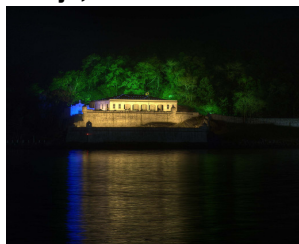
2- Casa do Trem Bélico Santos, 1734



1- Fortaleza de Itaipu P. Grande, 1902



4- Fortaleza de Santo Amaro Guarujá, 1584



5- Forte dos Andradas Guarujá, 1942



6- Fortaleza de Itapema Guarujá, 1738



8- Forte São João Bertioga, 1551



7- Forte São Luis Guarujá, 1770



Fig. 10 - Sistema de Defesa do Porto de Santos. Mapa/AGEM, com destaque para o estuário. Fotos/Antonio Carlos Freddo

A Baía de Santos dispõe de um formidável complexo de fortificações erguido ao longo de quase 400 anos, com o mesmo padrão de engenharia militar difundido pelo mundo inteiro. A região da Costa da

⁷ Resolução SCTDET – 04, de 11 de fevereiro de 2004, elaborado pela AGEM – Agência Metropolitana da Baixada Santista, com apoio DO SEBRAE/Santos e de diversas instituições e empresas de turismo receptivo.

Mata Atlântica na Baixada Santista preserva oito exemplares deste rico patrimônio histórico-militar (Fig. 10), além das ruínas do Fortim do Góes. Nos dias atuais, alguns desses monumentos estão à disposição do público, e seus administradores buscam – por meio de roteiros turísticos, histórico-culturais e ambientais – estabelecer um elo seguro entre um passado glorioso e um futuro que se anuncia promissor.



Fig. 11 – A TRIBUNA, 13/01/2007, A-3

As duas fortificações que protegem a entrada da Baía de Santos – Itaipu e Andradas – são do período republicano

A implementação de um projeto de visitação aos monumentos que já estão restaurados requer apenas um trabalho de conscientização dos turistas sobre a importância da utilização deste formidável equipamento que nos foi legado pelos nossos antepassados. Basta promover pequenas modificações no comportamento das tripulações e nos percursos das escunas e lanchas que já operam entre o centro da cidade e a embocadura do estuário, percorrendo todo o Porto de Santos (destaque Fig 11), acrescentando um “pit stop histórico” na Casa do Trem Bélico e/ou na Fortaleza de Santo Amaro. Na Baía de Santos pode-se contemplar o Forte dos Andradas e a Fortaleza de Itaipu.

O projeto deve ser implementado durante a temporada de cruzeiros marítimos de 2010/2011. Por ora está “adormecido na ferrugem e no pó”.

A variante colonial do Circuito dos Fortes



Fig. 12 - Mapa do Circuito dos Fortes / AGEM e mapa de São Vicente (1572/1573)
“Roteiro de todos os sinais da costa do Brasil” / IPHAN, SP
Ilustração para proposta de uma variante “colonial”
do Circuito dos Fortes, no estuário do Porto de Santos

Por justas razões de segurança e produtividade, não se pode abrir os terminais portuários aos turistas, exceto para os cruzeiros marítimos. Nada impede, contudo, que eles sejam direcionados a um programa turístico pelas águas tranqüilas do estuário, singrando a mesma rota dos navios que aqui aportam, desde a fundação da “Villa” de Santos⁸. O serviço de turismo náutico pelo estuário já existe⁹, porém, sem qualquer conotação com a formação da nossa nacionalidade e/ou contribuição dos *bandeirantes* que partiram da sede da Capitania de São Vicente para o oeste bravio a fim de conquistar e povoar novos territórios, alcançando o centro geodésico da América do Sul. É preciso apenas, acrescentar uma *história* que possa dar ao turista a sensação de estar singrando a mesma rota marítima dos descobridores, piratas e corsários que aqui aportaram no período colonial.

A proposta de uma versão colonial do *Circuito dos Fortes*, abrangendo apenas o estuário do Porto de Santos, inspira-se em modelo existente na Holanda, onde pequenas e confortáveis embarcações

⁸ Santos foi fundada no dia 19 de junho de 1545, por Brás Cubas, tendo o Outeiro de Santa Catarina, em elevação próxima a Casa do Trem Bélico, como marco inicial do povoamento da “Villa”, elevada à categoria de cidade em 26/01/1839. (IPHAN / São Paulo).

⁹ Dois serviços recomendados: as escunas que partem no Terminal de Turismo Marítimo de Santos (Ponta da Praia, Ponte Edgard Perdigião), e as lanchas rápidas da empresa Fabiana Transportes (RODRIGUES, C-8 e REDAÇÃO, A-7).

percorrem os canais de acesso aos antigos moinhos de vento. Os moinhos são similares, e, portanto, basta visitar um, ouvir sua *história* e contemplar os demais durante o percurso das embarcações. Percursos náuticos interiores (baías, estuários, rios) são explorados de forma semelhante em Barcelona, Berlim, Londres, Nova York, Paris, Veneza, e outras cidades que não têm visual diversificado como o nosso.

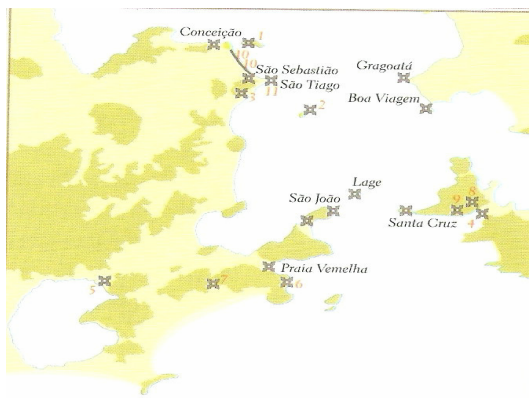


Fig 13 - Esquema de defesa da Baía de Guanabara na segunda metade do século XVIII (CASTRO, p. 283)

Salvador e Recife têm programas semelhantes com “motes” na *história* da invasão holandesa e contemplação dos fortes coloniais. A Marinha do Brasil – mais um exemplo significativo – transformou o único navio remanescente da 1ª. Guerra Mundial em museu temático, ocupando o convés inferior. No tombadilho, abriu espaço para uma empresa de turismo receptivo expor aos turistas a beleza e a natureza do Rio de Janeiro, alcançando a Ilha Fiscal e contemplando o Forte São João, a Fortaleza de Santa Cruz, o Forte Gragoatá, e o Forte da Laje que emerge quase no centro da embocadura da Baía da Guanabara.

Outro exemplo cujo sistema de defesa colonial se aproxima do existente no Porto de Santos é, sem dúvida, o que protegia a “villa” de Nossa Senhora do Desterro (Florianópolis).



Fig. 14 – Imagem extraída do CD-ROM Fortalezas multimídia. (TONERA, 2001, CD-ROM), com destaque para o percurso das escunas

A Ilha de Santa Catarina no período colonial abrigou, na sua costa oeste voltada para o continente, a Vila de Nossa Senhora do Desterro, atual centro de Florianópolis. A Baía Norte era protegida por um conjunto de três fortalezas: Anhatomirim (1739), Ponta Grossa (1740) e, ao centro, Ratones (1740). No outro acesso marítimo à cidade, pela Baía Sul, existe a Fortaleza Araçatuba (1742). Além destas, havia também, como indicado na figura 14 ao lado, os fortes: 1- Santana, 2- Santa Bárbara, 3- Naufragados (do período republicano, 1909) e 4- São Caetano.

Como se pode observar (Fig 12 e 14) os dois sistemas de defesa são semelhantes no que se refere a proteção militar das “villas” que deram origem a Santos e Florianópolis. A principal semelhança refere-se aos acessos marítimos: canal de Bertioga ao norte e estuário ao sul, para alcançar a “Villa” de Santos; e baías ao norte e ao sul para alcançar a vila Nossa Senhora do Desterro (Florianópolis). Os dois povoados coloniais nasceram protegidos do mar aberto pelas ilhas de Santo Amaro e de Santa Catarina, respectivamente, e acessos por canais de navegação vigiados por fortificações robustas. Os dois sistemas de defesa foram implantados em meado do século XVIII, sendo que em Santos existem exemplares do início da colonização, e ambos foram acrescidos de novas fortificações no período republicano: Fortaleza de Itaipu (1902) e Forte dos Andradas (1942) para proteger a Baía de Santos e Forte dos Naufragados (1909), para proteger a Baía Sul de Florianópolis. Há também semelhanças no que se refere a administração (gestores) das fortificações: União, estados, municípios e universidades: Universidade Católica em Santos e Universidade Federal de Santa Catarina.

A proposta para aproveitamento do sistema de defesa colonial do Porto de Santos, à semelhança do que ocorre em outros portos em várias partes do mundo está “amadurecida”¹⁰, e dispomos de um “mote” histórico-cultural muito forte para estimular passeios náuticos nas águas tranqüilas do estuário. Pequenos acréscimos aos trajetos das escunas e lanchas que já realizam passeios pelo estuário de Santos podem nos aproximar do aproveitamento turístico histórico-cultural realizado na Baía Norte da Ilha de Santa Catarina. Para isso, basta simplesmente incluir uma visita à Fortaleza de Santo Amaro, no caso das escunas, aproveitando as embarcações da linha regular que servem a Fortaleza e a Praia do Góes¹¹ e que saem no mesmo atracadouro das escunas. Para as lanchas rápidas sugere-se que venham a partir do terminal marítimo em frente à Alfândega, próximo à Casa do Trem Bélico, que deverá atuar como centro de informações turísticas e ponto de partida para a variante colonial do *Circuito dos Fores*.

Os exemplos das Baías da Guanabara e de Florianópolis, e até mesmo o dos moinhos de vento, na Holanda, podem servir como modelos para as empresas de turismo receptivo, visando explorar a contribuição da defesa militar para a formação da nossa nacionalidade. A Fundação SETTAPORT de Responsabilidade Social – www.settaport.com.br – já tem projeto-piloto que consiste na distribuição de uma autorização (voucher ou passaporte) para seus associados com o compromisso destes de se fazerem acompanhar de crianças (filho, neto, amigo etc), responsabilizando-se por elas. Se o projeto-piloto se mostrar atrativo, a Fundação SETTAPORT espera envolver seus associados e suas famílias neste projeto a ser conduzido por agentes cadastrados na EMBRATUR para operar com escunas, lanchas rápidas e as catraias que alcançam a Fortaleza de Santo Amaro.

O projeto-piloto visa acrescentar um “mote” histórico-cultural aos roteiros turísticos já existentes e/ou que estão sendo implementados sob a forma de **minicruzeiros pelo Porto de Santos**.

¹⁰ Diversas “expedições exploratórias” do Circuito dos Fortes foram realizadas com escuna, catraia, lancha rápida.

¹¹ Esta necessidade atual de “entrosamento” entre escunas e “catraias” que servem a Fortaleza se deve ao fato do atracadouro do monumento histórico não comportar embarcações maiores (uma deficiência que pode ser corrigida no futuro).

Preservar é preciso¹²

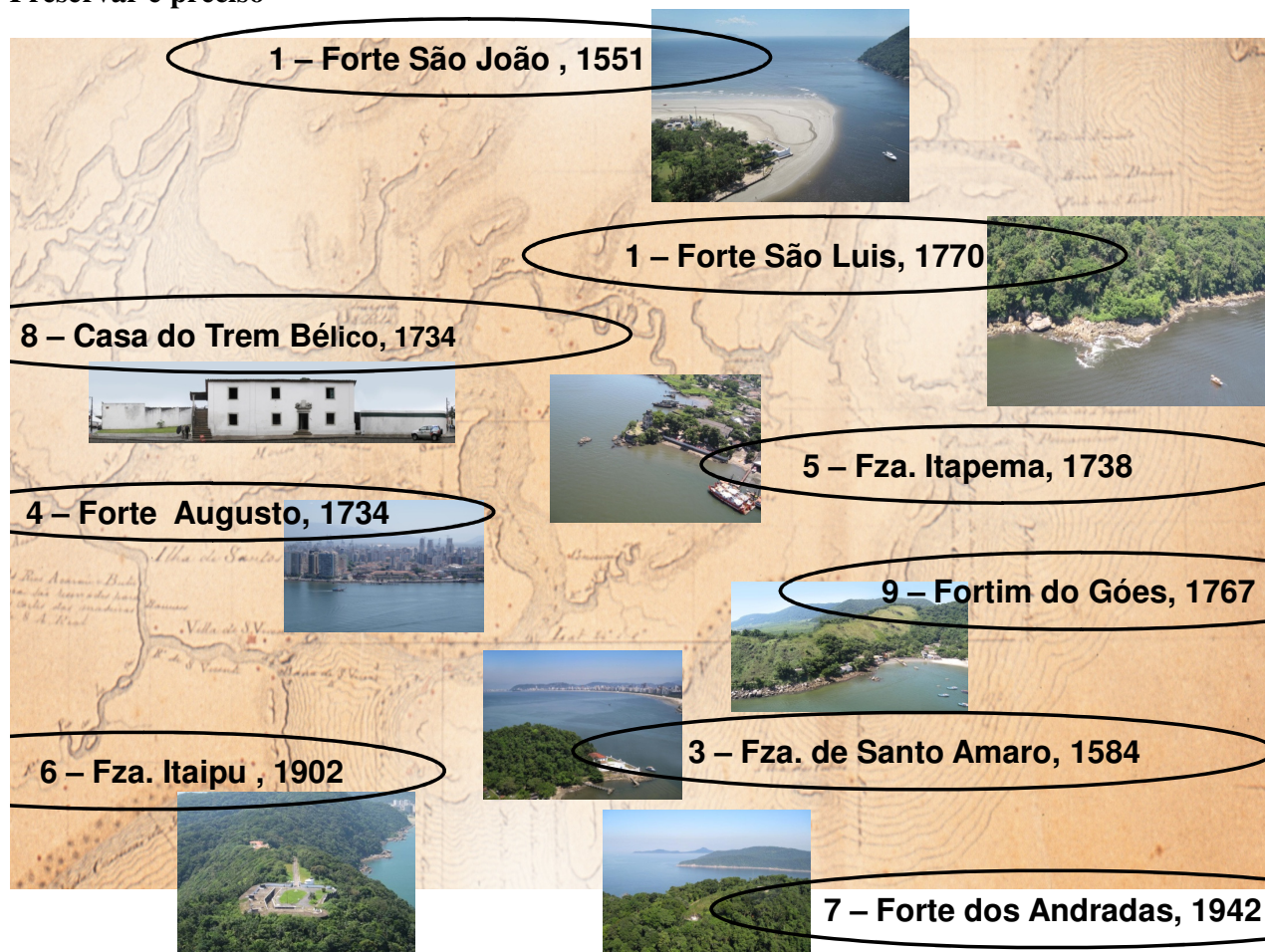


Fig 12 – Plano do Porto de Santos, 1879. AHEx. Fotos: Victor Hugo Mori

Preservar é preciso. Para alcançar este objetivo maior é preciso, antes de tudo, difundir a História do Porto de Santos pelo viés da sua proteção militar, com destaque para a Fortaleza de Santo Amaro, administrada pela Universidade Católica de Santos e Prefeitura Municipal de Guarujá e a Casa do Trem Bélico, administrada pela Prefeitura Municipal de Santos. O antigo Forte Augusto hoje abriga o Museu de Pesca de Santos, administrado pelo Governo do Estado. O Forte São João, administrado pela

¹² Situação das fortificações no alvorecer do ano de 2010

As duas fortificações mais antigas, São João e Santo Amaro, e o antigo Forte Augusto, hoje museu de Pesca de Santos, estão abertos à visitação. A Casa do Trem Bélico, restaurada, aguarda a conclusão do projeto de exposição de armas e demais “trens bélicos”. A Fortaleza de Itapema, administrada pela Alfândega de Santos/Receita Federal, tem projeto de restauro em andamento. O Fortim do Góes está embargado pelo IPHAN e desenvolve projeto de reocupação da área invadida. As ruínas do Forte São Luis têm projeto em andamento pelo IPHAN que deseja transformá-lo em Parque Arqueológico São Luis.

Prefeitura Municipal de Bertiooga, prossegue como melhor modelo de utilização de um patrimônio histórico nacional – patrimônio de todos nós – para fins histórico-ambiental e turístico na região metropolitana da Baixada Santista.

Aqueles que desejarem “ir mais longe” nas epopéias que marcaram o longo período de evolução da arquitetura militar fortificada em varias partes do mundo devem consultar o site www.fortalezas.org para alcançar um acervo de 857 fortificações (consulta em 01/02/2010)¹³.

Venha! Estou aqui desde 1551



Fig 16 - Mapa Rodoviário da Dersa, com indicação numérica da localização das fortificações

¹³ Consulte também:

1 – o Portal da Justiça Federal: <http://vialegal.cjf.jus.br>, programas anteriores, nr. 378, exibido em dezembro de 2009 nas TVs: TV Justiça, Rede Cultura e TV Brasil DF. História preservada, jornalista TRF Erica Resende; produção Carolina Vallacreces.

2 – http://www.amigosdomar.com.br/2009_06_27_1.htm

3 – http://www.amigosdomar.com.br/2009_06_27_2.htm e especial Circuito dos Fortes, cobertura aérea



Fotos e fotomontagem: Victor Hugo Mori/IPHAN, 29/ 09/2009 e 03/02/2010

Fortificação	Administração atual	Situação atual, mar/abr 2010
1 – Forte São João (1551)	Prefeitura de Bertiooga	Aberto ao público
2 – Forte São Luis (1770)	IPHAN	Projeto Parque Arqueológico
3 – Fortaleza de Santo Amaro (1584)	Unisantos/Pref. Guarujá	Aberta ao público
4 – Forte Augusto (1734)	Gov Est São Paulo	Museu de Pesca, aberto ao público
5 – Fortaleza de Itapema (1738)	Alfândega de Santos	Projeto de restauro
6 – Fortaleza de Itaipu (1902)	Exército Brasileiro	Unidade de Artilharia
7 – Forte dos Andradas (1942)	Exército Brasileiro	Comando de Artilharia
8 – Casa do Trem Bélico (1734)	Prefeitura de Santos	Restauro concluído
9 – Fortim do Góes (1767)	IPHAN / S. Paulo	Embargado

*** – Infelizmente, o Forte Nossa Senhora do Montserrat(1543) não deixou vestígios

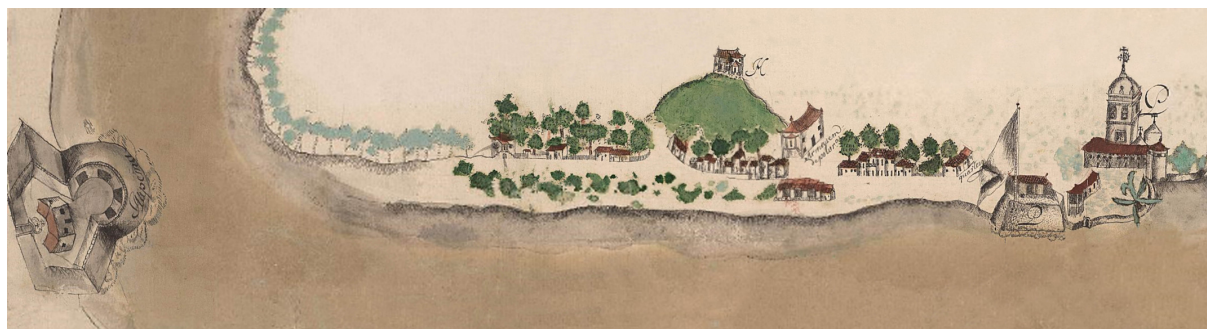


Fig 17 - Planta do século XVIII com detalhes da “Villa e Praça de Stos”. Biblioteca Nacional / Imagem cedida pelo IPHAN, S. Paulo. Destaques: Fortaleza de Itapema, Outeiro de Santa Catarina, Casa do Trem Bélico, **Forte Nossa Senhora do Montserrat** e Ordem 3ª. do Carmo.

BIBLIOGRAFIA

- A TRIBUNA, 13/01/2007, A-3
- ANDRADE, Wilma Therezinha Fernandes de. *Presença da Engenharia e Arquitetura na Baixada Santista*. S. Paulo: Nobel, 2001.
- BARRETO, Anibal. *Fortificações do Brasil*. Rio de Janeiro: Bibliex, 1958.
- CALIXTO, Benedito. *Capitanias Paulistas*. São Paulo, autor, 1927.
- “DOCUMENTOS INTERESSANTES PARA A HISTÓRIA DE SÃO PAULO”. *Plano de Defesa da Capitania de São Paulo, dez 1800*. Arquivo do Estado de São Paulo. VLII
- CASTRO, Adler Homero da Fonseca. *Muralhas de pedra, Canhões de bronze, Homens de ferro*. Fortificações do Brasil de 1504 a 2006. Rio de Janeiro: Fundação Cultural Exército Brasileiro.
- ESTADO-MAIOR DO EXÉRCITO (EME). *História do Exército Brasileiro: Perfil militar de um povo*. Brasília: Fundação IBGE, 1972.
- FERREIRA, Arnaldo Medeiros. Major-General do Exército Português. *Fortificações Portuguesas no Brasil*. Lisboa: ELD/Círculo de Eleitores, 2004.
- FRIGÉRIO, Angela Maria G., ANDRADE, Therezinha F. de e OLIVEIRA, Yza Fava. SANTOS – *Um encontro com a História e a Geografia*. Santos: Editora Leopoldianum, 1992.
- MABE, Yoshime e MORI, Victor Hugo. *Vento Vermelho*. Folder produzido pelo IPHAN, para inauguração do painel de Manabu Mabe. São Paulo: IPHAN, 1998.
- MADRE DE DEUS, Frei Gaspar. *Memórias para a História da Capitania de São Vicente*. São Paulo: Martins, 1953.
- MORI, Victor Hugo. *Arquitetura Militar: Um panorama histórico a partir do Porto de Santos*. S. Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo/Fundação Cultural Exército Brasileiro, 2003.
- MUNIZ JUNIOR, J. *Fortes e Fortificações do Litoral Santista*. Santos: Obra do autor, 1982.
- ORTALE, Maria Thereza. *Pesquisa sobre os monumentos do Circuito dos Fortes*. São Paulo: Formulário nº 2, da EMBRATUR- Atrativos turísticos, 2004.
- PACHECO, Hector et all. *O Circuito dos Fortes de Ponta a Ponta*. Santos: Jornal laboratorial de Comunicação Social da Unisantos, Entrevista: Caderno Especial, jun 2004.
- REDAÇÃO, Escunas ganham destaque. A TRIBUNA, 10/02/2010, A-7.
- RODRIGUES, Samuel. *Passeios de escuna desvendam o Porto de Santos de modo singular*. A TRIBUNA, 10/01/2010, C-8.
- SALGADO, Robnaldo Fidalgo e SILVA, Eraldo. *Fortaleza da Barra Grande: Patrimônio histórico recuperado*. Santos: Leopoldianum, 2000.
- SECOMANDI, Elcio Rogerio. *Fortaleza de Santo Amaro da Barra Grande*. Santos: Leopoldianum, 2000.
- _____. *Fortaleza de Santo Amaro da Barra Grande: A História, a batalha, as crônicas, as intenções*. In: Leopoldianum, Santos (55) 116-127, 1993.
- _____. *Circuito Turístico dos Fortes*. Santos: Leopoldianum, 2005.

SOUZA, Alberto. *Os Andradas*. São Paulo: Tipografia Piratininga, 1922.
STADEN, Hans. *Duas viagens no Brasil*. 5. ed. São Paulo: Edusp, 1974.
TONERA, Roberto. *CD-ROM Fortalezas Multimídia*. Florianópolis: Projeto Fortalezas Multimídia/Editora da UFSC, 2001).

MAPAS HISTÓRICOS E ICONOGRAFIAS

André Santana Meireles / AGEM
Arquivo Histórico do Exército, RJ. Cópia do IPHAN/SP
Arquivo Histórico Ultramarino, Lisboa, Portugal. Cópia do IPHAN/SP
Biblioteca da Ajuda, Lisboa. Cópia do IPHAN/SP
Códice Quinhentista da Biblioteca da Ajuda. Lisboa. Cópia do IPHAN/SP
Coleção Morgado de Mateus, Biblioteca Nacional, RJ. Cópia do IPHAN/SP
Élcio Rogério Secomandi, Editora Leopoldianum, 2002
Fotomontagem de Victor Hugo Mori, IPHAN/SP
Guia do Circuito dos Fortes - AGEM
Plano do Porto de Santos, Copiado pelo Cap Antonio Américo Pereira da Silva, 1879, AHEx
Reprodução da gravura no livro “Capitanias Paulistas...” de Benedito Calixto, colorido digitalmente por Victor Hugo Mori, IPHAN/SP
TONERA, Roberto. *CD-ROM Fortalezas Multimídia*. Florianópolis: Projeto Fortalezas Multimídia/Editora da UFSC, 2001).
Victor Hugo Mori - IPHAN/SP

SITES

http://www.amigosdomar.com.br/2009_06_27_1.htm
http://www.amigosdomar.com.br/2009_06_27_2.htm
<http://www.exercito.gov.br/01inst/historia/index.htm> (Consulta, 12/01/2010)
www.fortalezas.org
http://www.fortalezasmultimidia.com.br/santa_catarina (TONERA, Roberto, consulta, 12/01/2010).
www.funceb.org.br/revistas
<http://vialegal.cjf.jus.br> (VILLACRECES, Carolina M. G. Programa nr 378, dez 2009)

Autorizações:

Uso de fotos (créditos nas próprias fotos):

- _ Antonio Carlos Freddo
- _ Victor Hugo Mori

Uso de mapas, iconografias, fotomontagens e imagens

AHEx – Pesquisa nr 069/2003, 02/05/2003

IPHAN/9ª SR/SP – Ofício s/nr., de 29/07/2004

Autorizações pessoais:

- _ André Santana Meireles/AGEM, 02/05/2005
- _ Antonio Carlos Freddo, 13/09/2004 e e-mail de 09/02/2010, 11:20
- _ Roberto Toner, 07/01/2010, e-mail 4:37
- _ Victor Hugo Mori, 07/02/2010, e-mail 12:18

Autorização para uso das versões em inglês e espanhol

- _ Joselene Lacerda de Oliveira, 09/02/2010

Autorização para uso de filmes, vídeos, imagens e entrevistas do Programa Amigos do Mar

- _ Nívea Domingues Alves Francisco